

## Tempo e temas de Francisco

Rosana Manzini<sup>9</sup>

### I. tempo de Francisco

Quando me foi proposto o tema, fiquei refletindo sobre o que poderíamos entender com a expressão “Tempo de Francisco”, e pensei em duas possibilidades: pensar o “Tempo de Francisco”, como uma análise da situação mundial onde este papado se desenvolve e uma segunda possibilidade que seria o “Tempo de Francisco” como ele se perceberia dentro do seu tempo, e nele sua missão.

#### A. Tempo de desumanização

Na primeira possibilidade nos encontramos diante de realidade onde nos deparamos com situações de grandes e graves contrastes sociais, econômicos e políticos, e isto atinge também a visão da religiosidade dessa época. Vivemos em uma sociedade cada vez mais desigual que, apesar de todo avanço científico, acaba por excluir grande parte da população, tanto da produção como do acesso aos produtos; que supervaloriza a emoção fugaz e o imediatismo; época onde a liberdade sem limites é compreendida como valor absoluto e único que acaba por envolver toda a existência humana<sup>10</sup>; época onde a dignidade humana se tornou volátil e mercantilizada como qualquer produto descartável. Um mundo de grandes maiorias em situação de pobreza extrema, o drama de um sistema econômico de exclusão que determina o político; uma realidade de violência de todo gênero, a corrupção pública e privada que permeia todo o tecido social. E como diz Francisco, uma anti-cultura do descarte, da exclusão e da morte.

---

<sup>9</sup> Mestra em Teologia Prática pela PUCSP, Mestrado Canônico pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Diretora de Operações do Centro Universitário Salesiano (UNISAL) e professora da Unidade PIO XI. Chefe do Departamento de Teologia Prática e professora de Teologia Moral da PUCSP. Coordenadora Geral da REDLAPSI (Rede Latino-americana do Pensamento social da Igreja).

<sup>10</sup> Não se trata aqui da autêntica liberdade que, conjugada com a vida, é um valor absoluto. Ao falar de “liberdade sem limites” entendemos a raiz do individualismo moderno, que acaba por minar a relacionalidade tornando-se, assim, um antivalor que coloca em risco a vida. Isto se verifica, por exemplo, na questão ambiental.

Tudo isso não deixa a Igreja isenta, vivemos uma Igreja que em muitos lugares vive um silêncio perigoso, que se opõe às orientações do Santo Padre. Grupos que confundem o pensamento dos fiéis criando um magistério paralelo

### **B. Tempo do Guardião!!!**

Na segunda possibilidade e mais interessante, é o tempo dele, onde se desenrola uma missão clara, que se revela na homilia da posse do trono de Pedro: Tempo de Francisco: tempo do guardião!!!

Nesta homília Francisco, a partir da figura de José, revela o eixo da missão para o qual foi escolhido:

«José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua esposa» (Mt 1, 24). Nestas palavras, encerra-se já a missão que Deus confia a José: ser casto, guardião. Guardião de quem? De Maria e de Jesus, mas é uma guarda que depois se alarga à Igreja. Como realiza José esta guarda? Com discrição, com humildade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender.

Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos seus sinais, disponível mais ao projeto d'Ele que ao seu. E José é «guardião», porque sabe ouvir a Deus, deixa-se guiar pela sua vontade e, por isso mesmo, se mostra ainda mais sensível com as pessoas que lhe estão confiadas, sabe ler com realismo os acontecimentos, está atento àquilo que o rodeia, e toma as decisões mais sensatas.

E quando o homem falha nesta responsabilidade, quando não cuidamos da criação e dos irmãos, então encontra lugar a destruição e o coração fica ressequido. Infelizmente, em cada época da história, existem «Herodes» que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher.

Celebramos o início do ministério do novo Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, que inclui também um poder. É certo que Jesus Cristo deu um poder a Pedro, mas de que poder se trata? À tríplice pergunta de Jesus a Pedro sobre o amor, segue-se o tríplice convite: apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas. Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé, de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher, com afeto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos, aqueles que Mateus descreve no Juízo final sobre a caridade: quem tem fome, sede, é estrangeiro, está nu, doente, na prisão (cf. Mt 25, 31-46). Apenas aqueles que servem com amor são capazes de proteger.

Guardar Jesus com Maria, guardar a criação inteira, guardar toda a pessoa, especialmente a mais pobre, guardarmo-nos a nós mesmos: eis um serviço que o Bispo de Roma está chamado a cumprir, mas para o qual todos nós

estamos chamados, fazendo resplandecer a estrela da esperança: Guardemos com amor aquilo que Deus nos deu!<sup>11</sup>

## II. Temas de Francisco

### A. Retomada do Concílio Vaticano II

Em toda prática de Francisco, palavras e atos, percebemos claramente que em seu magistério se dá uma relação nova com o Concílio Vaticano II. Para o Papa o concílio é uma semente viva onde está contido o destino da Igreja e hoje e do amanhã. Podemos verificar isto na ligação que Francisco faz quando abre a Porta Santa e relaciona com as Portas Abertas de uma Igreja que deve sair para além dos muros leoninos, perspectiva e esperança de João XXIII quando da abertura do Vaticano II.

Sem dúvida, o Vaticano II é um tema precioso de seu pontificado, e isso fica evidenciado em sua homília, quando da abertura do Jubileu:

ao cruzar a Porta Santa, queremos também recordar outra porta que, há cinquenta anos, os Padres do Concílio Vaticano II escancararam ao mundo. Esta efeméride não pode lembrar apenas a riqueza dos documentos emanados, que permitem verificar até aos nossos dias o grande progresso que se realizou na fé. Mas o Concílio foi também, e primariamente, um encontro; um verdadeiro encontro entre a Igreja e os homens do nosso tempo. Um encontro marcado pela força do Espírito que impelia a sua Igreja a sair dos baixios que por muitos anos a mantiveram fechada em si mesma, para retomar com entusiasmo o caminho missionário. Era a retomada de um percurso para ir ao encontro de cada homem no lugar onde vive: na sua cidade, na sua casa, no local de trabalho... em qualquer lugar onde houver uma pessoa, a Igreja é chamada a ir lá ter com ela, para lhe levar a alegria do Evangelho e levar a Misericórdia e o perdão de Deus. Trata-se, pois, de um impulso missionário que, depois destas décadas, retomamos com a mesma força e o mesmo entusiasmo. O Jubileu exorta-nos a esta abertura e obrigamos a não transcurar o espírito que surgiu do Vaticano II, o do Samaritano, como recordou o Beato Paulo VI na conclusão do Concílio.<sup>12</sup>

O Concílio Vaticano II representou uma ousada renovação de toda a Igreja. Foi um novo marco no diálogo com o mundo moderno<sup>13</sup>. Na sua identidade encontramos agora a

---

<sup>11</sup> Homilia do Papa Francisco. *Praça de São Pedro, 19 de Março de 2013. Solenidade de São José.* [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130319\\_omelia-inizio-pontificato.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html)

<sup>12</sup> [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\\_20151208\\_giubileo-omelia-apertura.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20151208_giubileo-omelia-apertura.html)

<sup>13</sup> A polissemia do termo “mundo” e sua relevância e frequência em nosso trabalho acadêmico exige esclarecer desde já que utilizaremos a palavra “mundo” na acepção mais comum utilizada no âmbito da Doutrina Social da Igreja, ou seja, “o ambiente social em que vivem as pessoas”. Isto deve ser entendido na atual realidade de separação entre Igreja e Estado, que gerou, a partir do século XX, um “mundo laico”. É

unidade de uma fé construída no diálogo com o *sensus fidei*<sup>14</sup> que está presente no mundo, apesar de não se confundir com ele, mas que existe para a salvação deste mesmo mundo, ao modo de sacramento<sup>15</sup>. É a Igreja que se percebe como sacramento universal de salvação, ou seja, da íntima comunhão com Deus e das pessoas entre si<sup>16</sup>. Esta Igreja se compreende, então, como presença de serviço estabelecendo a via do diálogo como instrumento para que possa, com toda a humanidade, responder ao desafio da construção de um mundo fraterno e solidário, com sólidas bases na justiça. A humanidade como um todo continuava à procura de respostas. O Concílio Vaticano II abriu as janelas para este mundo carente e aflito. Um mês antes da abertura do concílio, João XXII disse: “A Igreja hoje é sobretudo a Igreja dos pobres”. Este mundo se tornava, assim, o principal interlocutor do Concílio. E o será também para Francisco, que não desconhece as dificuldades da renovação conciliar.

Francisco colocará a pobreza, suas causas e consequências ao centro do seu pontificado. Um pontificado entendido como serviço.

### **B. O confessar a Fé e o seu agir no mundo**

Existe uma conexão íntima, profunda, entre o que professamos e a realidade social. Quando isso não ocorre instala-se o divórcio entre Fé e Vida, e esse desastre temos verificado neste tempo, de modo que uma fragmentação eclesial é facilmente verificável.

Francisco fundamenta o confessar a Fé e suas consequências no Agir a partir da própria Trindade Santa:

178. Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que «assim lhe confere uma dignidade infinita».[141] Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu

---

com este mundo, que se entende independente do “mundo eclesial”, que a Igreja encontra o desafio de dialogar. Poderíamos, assim, falar de “mundo da política”, “mundo da cultura”, “mundo da economia” etc. Não utilizaremos acepções bíblicas como aparece no Evangelho de João, ou mesmo no mito da Criação de Gênesis, pois são de outra natureza que não encontram nexo de relevância em nosso trabalho acadêmico.

<sup>14</sup> Cf. LG 31-32.

<sup>15</sup> Cf. GS 92.

<sup>16</sup> Cf. LG 1. No mesmo lugar, o texto que abre este documento conciliar, afirma literalmente, de modo programático: “Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo”.

o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque «Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens».[142] Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais: «O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis».[143] A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito. O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros.<sup>17</sup>

### C. Os pobres no tempo de Francisco

Neste pontificado os pobres não são mais um tema proposto, mas se torna o coração da missão, do pensamento e a prioridade de Francisco. Sendo um pontificado de serviço da caridade, o Santo Padre traz para o coração da Igreja, de modo efetivo a irrenunciável tarefa evangélica: *Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes* (Mt 25,40).

Somos todos e todas chamados a responder essa árdua tarefa de escutar o clamor dos pobres, e não só escutá-los, mas responder a partir de uma *metanoia* pessoal, que leve a busca incessante de uma transformação deste sistema excludente. Por um bom tempo a palavra “pobre” permaneceu quase que “proibida”. Defender os pobres, para muitos, ficou ligada a linhas ideológicas. Francisco não só resgata a essência evangélica através de suas catequeses, mas, principalmente, vive o que crê e prega. O agir do Papa coloca em cheque o agir de toda a Igreja. Tempo de Francisco, Tempo de conversão.

Francisco não deixa nenhuma margem de dúvidas sobre nosso dever, como imperativo moral, sobre a questão da Dignidade Humana e sua negação na vida dos pobres: *É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar* (EG 194). *Porque para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica,*

---

<sup>17</sup> FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, nº 178

*política ou filosófica* (EG 198).

#### **D. A Paz como fruto do cuidado da Casa Comum**

Para o Papa a paz está ligada com a tarefa de desenvolver uma cultura do encontro (EG 220). Ele propõe 4 pontos de reflexão e ação:

1. “O tempo é superior ao espaço”, ou seja, viver com perspectiva de futuro;
2. “A unidade prevalece sobre o conflito”, que é “é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo.” (EG 227);
3. “A realidade é mais importante do que a ideia”, porque “a ideia - as elaborações conceituais - está ao serviço da captação, compreensão e condução da realidade.” (EG 232), de tal modo que “este critério impele-nos a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra.” (EG 233); e, por último;
4. “O todo é superior à parte”, pelo que “não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós.” (EG 235).

“Neste momento, existem sobretudo três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica” (EG 238).

#### **E. Tema e tempo de misericórdia**

Na concepção de Francisco sobre a misericórdia subsistem todas as grandes expressões que surgiram nesse pontificado: “Igreja em saída”, “Igreja hospital de campanha” ... Todas elas se encontram neste tema que se torna tempo, uma compreensão da misericórdia do Pai que a todos acolhe, que a todos redime e que nos lança num mergulho no mistério do amor.

E nesse amor nos lançamos percorrendo as estradas do mundo, indo em direção aos chagados do mundo, aqueles principalmente que estão para além das linhas de exclusão, oferecendo o cuidado das suas feridas e a misericórdia que resta a dignidade. Esse deveria ser o eixo articulador de toda atividade pastoral. Uma Igreja que finalmente acolhe, fazendo do mundo uma praça do encontro, criando a partir de si uma cultura do encontro.

### **Conclusão: Francisco o guardião da misericórdia**

Concluindo, podemos afirmar que Francisco “é hoje para a Igreja o Guardião da Misericórdia” e nos abre a porta para uma nova evangelização. Ele nos mostra que Deus não está dentro das nossas regras de justiça, mas sim na caridade. Uma misericórdia que nos leva encontrar Jesus nos pobres, nos famintos, nos refugiados, nos desesperados, no povo em situação de rua, naqueles que mais necessitam. E isso deveria nos levar a ser uma Igreja pobre para os pobres, com as portas abertas, missionária.

Queria finalizar com uma história:

#### **O casulo e a borboleta**

Duas lagartas teceram cada uma o seu casulo. Naquele ambiente protegido e seguro se transformaram em duas lindas borboletas. Quando chegou a hora de deixarem o casulo e saírem para voar livremente, uma delas, sentindo-se frágil e pequena, começou a pensar que a vida lá fora tinha muitos perigos. Pensou que poderia ser presa por um colecionador, ou despedaçada, ou mesmo comida por um pássaro; que talvez um raio pudesse lhe atingir e, além disso, poderia molhar suas pequeninas asas na chuva. A primavera está acabando. Aonde iria encontrar o néctar? A borboleta tinha medo e tinha razões para tê-lo e assim decidiu não voar. Preferiu a segurança do casulo. Porém, ali ela não teria como sobreviver, pois era tempo de sair. O casulo a manteve segura pelo tempo necessário para a sua formação. Resultado: morreu desnutrida, sem alimento e enclausurada pelo mundo que ela mesma tinha construído. A outra borboleta também tinha medo. Sabia que muitas borboletas morriam no primeiro dia de vôo. Mas amou a liberdade mais que os todos os medos e assim partiu em direção a todos os perigos. Preferiu ir em busca da única coisa que determinava sua essência<sup>18</sup>.

É preciso voar em busca da nossa essência. É preciso uma Igreja que busque, incansavelmente, sua essência. Francisco está sendo para a Igreja a borboleta que decidiu enfrentar todos os perigos, todas as ameaças em busca de viver e mostrar com seus gestos e atitudes a essência de uma Igreja que pela sua natureza jamais poderá deixar de dialogar com o mundo em qualquer momento de sua história; uma Igreja que deverá renunciar à

---

<sup>18</sup> CURY Augusto, *O vendedor de sonhos*, cap.25. Audiobook.Ed. Plugme.2009.

segurança de seu casulo, tecido por séculos de história e se lançar como rede viva nas mãos do Pescador; uma Igreja que deverá ter a coragem necessária de testemunhar o Amor maior diante de todas as tentações de poder e de glória. Uma Igreja solidária que se faz pequena junto com pequenos. Uma Igreja que não tenha medo da cruz. Uma Igreja que estabeleça vínculos fundamentados na vida plena que o Cristo Mestre propôs.

### *Uma Igreja Samaritana*

Na Parábola do Bom Samaritano encontramos no início do texto, um doutor da lei que pergunta a Jesus sobre o que ele devia fazer para ganhar a vida eterna. Jesus responde com outra pergunta: *Que está escrito na lei? Como é que lês?* Deparamo-nos com uma grande inquietação. O modo como lemos o texto sagrado poderá, ou não nos conduzir a um modo de agir que corresponda às exigências reais do seguimento levando a construção do Reino. O lugar teológico de onde possamos responder a interrogação feita por Jesus determinará nossa resposta. A questão que nos inquieta teologicamente neste episódio e em toda a vida de Jesus é que ele não anunciou a si mesmo, mas ao Reino. É claro que concordamos que o Reino se identifica com a sua pessoa, porém a dinâmica deste anúncio passa pela alteridade, pela relacionalidade, pela solidariedade. Esta é a grande intuição de Francisco. A Igreja se arrisca solidariamente no diálogo com o mundo. E o que Francisco insiste em nos dizer é que podemos ser uma “Igreja boa”; podemos ser uma “Igreja observante da lei”; podemos até ser muito “católicos”, mas somente seremos verdadeiramente cristãos se formos uma Igreja-samaritana, que tem coragem de “esquecer-se de si”, “vender” seus bens, optar pelos pobres e assumir a profecia como estilo de vida. Isto é uma “Igreja que ama”!

Às vezes queremos voltar para nosso casulo. Seria mais cômodo, porém mortal. O imperativo - *segue-me!* - continua sendo o desafio para todos na construção do Reino.

Muitas borboletas decidiram voar. Francisco em sua fantástica liberdade, voa!!! A história humana é marcada por tantos que não se escusaram de sua responsabilidade de dar vida a este mundo. Recusamo-nos a morrer no casulo que nega a vida.

Com Francisco a Igreja dos nossos sonhos continua a ser construída e, com ela, a nossa capacidade de sonhar. Nosso sonho não é utópico, porque não caminhamos para

lugar nenhum. Nosso *topos* é a terra da promessa. Como diz a canção que animou tantas lutas populares: “Irá chegar um novo dia; um novo céu, uma nova terra...”<sup>19</sup>.

Nossos sonhos se fundamentam nas palavras do Cristo que disse: *eis que faço novas todas as coisas*. Que o Bom Deus, proteja nosso Guardião da Misericórdia para que ele continue nos indicando que Outro mundo é possível; e que outro jeito de ser Igreja também!

---

<sup>19</sup> Canção de Vera Lúcia Nascimento.